

Exame Final Nacional de Português
Prova 639 | 1.ª Fase | Ensino Secundário | 2022
12.º Ano de Escolaridade

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho | Decreto-Lei n.º 27-B/2022, de 23 de março

Duração da Prova: 120 minutos. | Tolerância: 30 minutos.

8 Páginas

VERSÃO 2

A prova inclui 10 itens, devidamente identificados no enunciado, cujas respostas contribuem obrigatoriamente para a classificação final. Dos restantes 5 itens da prova, apenas contribuem para a classificação final os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.

Indique de forma legível a versão da prova.

Para cada resposta, identifique o grupo e o item.

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta azul ou preta.

Não é permitido o uso de corretor. Risque aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitida a consulta de dicionário.

Apresente apenas uma resposta para cada item.

As cotações dos itens encontram-se no final do enunciado da prova.

Nas respostas aos itens de escolha múltipla, selecione a opção correta. Escreva, na folha de respostas, o grupo, o número do item e a letra que identifica a opção escolhida.

GRUPO I

Apresente as suas respostas de forma bem estruturada.

PARTE A

Leia o poema.

D. Sebastião

'Sperai! Caí no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervalo em que esteja a alma imersa
Em sonhos que são Deus.

- 5 Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

Fernando Pessoa, *Mensagem e Outros Poemas sobre Portugal*, edição de Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2014, p. 102.

- * 1. No poema, está presente um «eu», D. Sebastião, que se dirige a um «vós», os Portugueses.
Explícite o apelo feito na primeira estrofe e, com base nesse apelo, infira os sentimentos desse «eu» e desse «vós».
- * 2. Evidencie a presença do herói histórico e a presença do herói mítico na segunda estrofe do poema, fundamentando a resposta com a referência a um elemento textual para cada um dos tipos de herói.
3. Selecione a opção de resposta adequada para completar a afirmação.
Na primeira estrofe, o uso do vocábulo «intervalo» remete para um antes e um depois, correspondendo a um tempo
- (A) de desistência durante o qual a essência do sujeito poético esmorece.
(B) de transição durante o qual a essência do sujeito poético perdura.
(C) de desistência durante o qual a essência do sujeito poético perdura.
(D) de transição durante o qual a essência do sujeito poético esmorece.

PARTE B

Leia o texto seguinte, constituído pelas estâncias 15 a 18 do Canto I de *Os Lusíadas*, e as notas.

- Est. 15 E, enquanto eu estes canto – e a vós não posso,
 Sublime Rei, que não me atrevo a tanto –,
 Tomai as rédeas vós do Reino vosso:
 Dareis matéria a nunca ouvido canto.
- 5 Comecem a sentir o peso grosso
 (Que polo mundo todo faça espanto)
 De exércitos e feitos singulares,
 De África as terras e do Oriente os mares.
- Est. 16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
10 Em quem vê seu exício¹ afigurado;
 Só com vos ver, o bárbaro Gentio
 Mostra o pescoço ao jugo² já inclinado;
 Tétis todo o cerúleo senhorio³
 Tem pera vós por dote aparelhado⁴,
- 15 Que, afeiçoada ao gesto⁵ belo e tenro,
 Deseja de comprar-vos pera genro.
- Est. 17 Em vós se vêm⁶, da Olímpica morada,
 Dos dous avós⁷ as almas cá famosas;
 Ûa, na paz angélica dourada,
20 Outra, pelas batalhas sanguinosas.
 Em vós esperam ver-se renovada
 Sua memória e obras valerosas;
 E lá vos têm lugar, no fim da idade,
 No templo da suprema Eternidade.
- Est. 18 25 Mas, enquanto este tempo passa lento
 De regerdes os povos, que o desejam,
 Dai vós favor ao novo atrevimento,
 Pera que estes meus versos vossos sejam,
 E vereis ir cortando o salso argento⁸
- 30 Os vossos Argonautas⁹, por que vejam
 Que são vistos de vós no mar irado,
 E costumai-vos já a ser invocado.

Luís de Camões, *Os Lusíadas*, edição de A. J. da Costa Pimpão,
5.ª ed., Lisboa, MNE/IC, 2003, pp. 4-5.

NOTAS

¹ *exício* – destruição; ruína; mortandade.

² *jugo* – peça de madeira que une os bois de uma junta; domínio; força repressiva; sujeição.

³ *cerúleo senhorio* – domínio do mar de cor azul-celeste.

⁴ *aparelhado* – preparado.

⁵ *gesto* – aspeto; aparência; rosto.

⁶ *vêm* – veem.

⁷ *dous avós* – D. João III, pai do príncipe D. João, e Carlos V, pai da princesa D. Joana.

⁸ *salso argento* – mar da cor da prata.

⁹ *Os vossos Argonautas* – referência aos navegadores portugueses.

* 4. Releia a estância 15.

Explícite o modo como se desenvolve a estratégia argumentativa usada pelo poeta nessa estância para incitar o rei D. Sebastião à ação gloriosa.

* 5. Nas estâncias 16 e 17, o poeta confere ao rei D. Sebastião uma dimensão excepcional.

Comprove esta afirmação, recorrendo a dois exemplos pertinentes mencionados nessas estâncias.

6. Selecione a opção de resposta adequada para completar a afirmação.

A par do louvor aos feitos dos navegadores cantados n'Os *Lusíadas*, na estância 18, está subjacente

- (A) o elogio que o rei tece ao valor artístico dos versos escritos pelo poeta.
- (B) a crítica à ambição desmesurada que o rei manifesta.
- (C) a alusão à demora na ação heroica que se espera do rei.
- (D) o reconhecimento pelo rei da força guerreira dos povos que há de dominar.

PARTE C

* 7. Baseando-se na sua experiência de leitura de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, e de *Frei Luís de Sousa*, de Almeida Garrett, escreva uma breve exposição sobre o modo como o sebastianismo emerge em cada uma das obras.

A sua exposição deve incluir:

- uma introdução ao tema;
- um desenvolvimento no qual compare as duas obras, referindo uma manifestação significativa do sebastianismo em cada uma delas;
- uma conclusão adequada ao desenvolvimento do tema.

GRUPO II

Leia o texto e as notas.

As grandes bibliotecas – imagino eu as grandes bibliotecas... – atraem-me e apavoram-me, como a montanha magnética dos contos antigos. Convencem-me da minha tremendíssima, acabrunhante e arrasadora ignorância. Eu atrevo-me a murmurar «Homero» e logo me salta a «questão homérica», os milhares de volumes sobre Homero, em rolos, em códices¹, alinhados por prateleiras sem fim, vergadas ao peso deles. Eu quero citar Dickens e logo vejo as multidões de comentadores de Dickens, exibindo folhas e folhas de anotações, a rir alvarmente² do meu desacerto. Eu tenho umas pobres opiniões sobre a *Montanha Mágica*, mas hei de calar-me, quando se altaneiram³ resmas e resmas, alpinicas e ameaçadoras, contendo exegeses⁴ sábias sobre Thomas Mann. E o *D. Quixote da Mancha*? Meu Deus, estou proibido de me pronunciar sobre o *D. Quixote*. Pode desabar-me em cima toda uma parede de livros, alguns bem grossos e esmagadores, que esmiuçam a obra ao pormenor e não toleram a observação veleira⁵ do dileitante que diz por dizer, ou por lhe parecer. E Montaigne? Ah, distante Montaigne... E Gogol? Ah, inacessível Gogol...

Como é triste e deprimente ser-se tão desconhecedor... Não se trata de retórica, daquele «só sei que nada sei» que foi atirado ao populacho pelo «mais sábio dos homens». Nem tampouco o «eu nem sei se nada sei», triunfal, do nosso Francisco Sanches. Nem sequer dum «eu nem isso sei», aposto num vezo⁶ retórico de querer mais, por saber ainda menos. É que eu não sei mesmo absolutamente nada.

E, portanto, posso falar sobre o quê? Sobre nada. Que é tarefa muito mais difícil do que falar sobre tudo, porque esta supõe que se sabe tudo sobre tudo e, pelo que se vê em volta, saber tudo sobre tudo é muito mais fácil e generalizado do que nada saber sobre nada.

No *Para Sempre* de Vergílio Ferreira uma personagem percorre o corredor duma biblioteca. Lá, os autores, desde o cabo da História palram, palram, palram e gargalham. É uma zoada para os ouvidos. A personagem não pode deixar de saber que eles lá estão. Os livros são falantes, discutem, cochicham, incomodam, não dormem, não se calam. De facto, mal eu me chego à Biblioteca Nacional, ou à Torre do Tombo, hei de sentir aquele ruído, aquele zunzum, de gente a querer contar coisas, a querer demonstrar coisas, a exhibir, a refutar, a impor-se. E eu sei que não vou conseguir entender-me, ali no meio. Vou ficar confundido. Vou ficar reduzido. Vou-me ver do tamanho daqueles insetos predadores de papel, quase translúcidos, ínfimos e mesquinhos, mas sem possuir sequer as corrosivas mandíbulas que eles têm de defesa.

Como é que se pode viver, com esta deficiência, esta inferioridade? É uma boa pergunta, com que me confronto repetidamente. E só posso responder com a confissão da gelada realidade dos factos. A caridade dalguns dos meus concidadãos vale-me e sustenta-me. Graças lhes dou.

Mário de Carvalho, «As Vascas. Da Ignorância. Redenção», in *A Visagem do Cronista – Antologia de Crónica Autobiográfica Portuguesa (Séculos XIX-XXI)*, Vol. II, edição de Carina Infante do Carmo, Lisboa, Arranha-céus, 2020, pp. 163-164.

NOTAS

¹ *códices* – livros manuscritos, organizados em cadernos cosidos e encadernados.

² *alvarmente* – estupidamente; grosseiramente.

³ *se altaneiram* – se elevam orgulhosamente.

⁴ *exegeses* – análises, interpretações ou explicações detalhadas de uma obra ou de um texto.

⁵ *vleira* – ligeira.

⁶ *vezo* – vício; costume.

* 1. No primeiro parágrafo, com as referências a autores e a obras consagrados, Mário de Carvalho pretende, sobretudo,

- (A) confrontar as suas opiniões com as interpretações de outros comentadores literários.
- (B) caricaturar a inibição que o saber dos especialistas provoca no leitor entusiasta.
- (C) autocriticar-se, assumindo a sua profunda ignorância sobre a literatura universal.
- (D) enaltecer a grande quantidade e diversidade de estudos literários publicados.

* 2. No segundo parágrafo, o recurso às expressões «Não», «Nem tampouco» e «Nem sequer» contribui para a coesão interfrásica, exprimindo uma ideia de

- (A) conclusão.
- (B) oposição.
- (C) concessão.
- (D) adição.

* 3. Através do recurso à expressão «De facto» (linha 25), o autor

- (A) confirma a semelhança entre o exemplo apresentado e o seu caso pessoal.
- (B) introduz novos eventos, como a ida à Biblioteca Nacional ou à Torre do Tombo.
- (C) estabelece a ligação com as ideias enunciadas no parágrafo seguinte.
- (D) expressa a certeza de que a situação mencionada ocorre esporadicamente.

4. A partir da leitura do texto, deduz-se que o autor defende

- (A) a segurança que advém da ideia de que «só sei que nada sei».
- (B) a importância de ancorar as opiniões pessoais nas dos comentadores literários.
- (C) a liberdade de formar e de exprimir opiniões próprias sobre as obras.
- (D) a necessidade de conhecer estudos académicos sobre as obras.

5. Ao longo do texto, predomina um tom

- (A) formal.
- (B) condescendente.
- (C) irónico.
- (D) pessimista.

* 6. Tal como em «vale-me» (linha 34), o pronome pessoal com função de complemento indireto está presente em

- (A) «me confronto» (linha 33).
- (B) «atraem-me» (linha 1).
- (C) «sustenta-me» (linha 34).
- (D) «me salta» (linha 3).

7. Todas as frases abaixo transcritas exemplificam a modalidade apreciativa, **exceto** a frase

- (A) «Ah, inacessível Gogol...» (linha 13).
- (B) «A personagem não pode deixar de saber que eles lá estão.» (linha 24).
- (C) «É uma boa pergunta, com que me confronto repetidamente.» (linhas 32 e 33).
- (D) «Como é triste e deprimente ser-se tão desconhecedor...» (linha 14).

* GRUPO III

Para muitas pessoas, o heroísmo exige percorrer um caminho árduo, que implica renúncia e sofrimento.

Num texto de opinião bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas e cinquenta palavras, defenda uma perspetiva pessoal sobre a conceção de heroísmo apresentada.

No seu texto:

- explicita, de forma clara e pertinente, o seu ponto de vista, fundamentando-o em dois argumentos, cada um deles ilustrado com um exemplo significativo;
- formule uma conclusão adequada à argumentação desenvolvida;
- utilize um discurso valorativo (juízo de valor explícito ou implícito).

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente do número de algarismos que o constituam (ex.: /2022/).
2. Relativamente ao desvio dos limites de extensão indicados – entre duzentas e trezentas e cinquenta palavras –, há que atender ao seguinte:
 - um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido;
 - um texto com extensão inferior a oitenta palavras é classificado com zero pontos.

FIM

COTAÇÕES

As pontuações obtidas nas respostas a estes 10 itens da prova contribuem obrigatoriamente para a classificação final.	Grupo										Subtotal
	I					II				III	
	1.	2.	4.	5.	7.	1.	2.	3.	6.		
Cotação (em pontos)	13	13	13	13	13	13	13	13	13	44	161
Destes 5 itens, contribuem para a classificação final da prova os 3 itens cujas respostas obtenham melhor pontuação.	I		II								Subtotal
	3.	6.	4.	5.	7.						
Cotação (em pontos)	3 × 13 pontos										39
TOTAL											200